

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O EDUARDO DE ALMEIDA. UM DOS ÚLTIMOS ROMÂNTICOS DA REPÚBLICA.

MENDONÇA, Aníbal

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

MENDONÇA, Aníbal, O Eduardo de Almeida. Um dos últimos românticos da república.
Revista de Guimarães, 68 (1-2) Jan.-Jun. 1958, p. 49-54.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Dr. Eduardo d'Almeida

Um dos últimos românticos da República.

Este homem singelo e modesto que acaba de ser sepultado em terra rasa, segundo a sua vontade, no cemitério florido de Guimarães, onde já repousam Raúl Brandão e Carlos Malheiro Dias, não pertencia há muito ao nosso tempo e era nele uma espécie de melancólica relíquia, a despedir-se aos poucos do seu fausto antigo, ou uma inútil lâmina, embotada e escura, esquecida numa velha panóplia.

A sua argúcia intelectual, a sua funda emotividade de artista, a sua ardente imaginação, a ânsia quase ultra-real do seu pensamento e todo esse fácil e amplo poder de expressão verbal, que sempre o distinguira, haviam fenecido já como uma capitosa magnólia que fosse espezinhada cruelmente e perdesse o seu perfume e os seus encantos; mas o que sobretudo se distanciara de si, de maneira irrevogável, foram as ideias, os princípios, os processos, os homens novos com a sua nova mentalidade, que surgiram à ilharga dos acontecimentos dir-se-ia que para desmentirem ostensivamente tudo quanto defendera e amara ao longo da sua existência.

A sua personalidade, vincada nos livros, na tribuna, no foro, na imprensa e nos debates políticos, sempre com a fremente veemência dos apóstolos e dos lutadores natos, esbatera-se de tal modo nos últimos anos que não era agora senão uma sombra vacilante e errante à procura do túmulo para o supremo descanso.

E, todavia, que notável figura de cidadão, de escritor, de advogado e de orador foi o Dr. Eduardo

d'Almeida — um dos últimos românticos da República, carácter de eleição, alma comovida e empolgada ante as grandes causas do Homem e da Pátria, em cuja obra tumultuam os sonhos febris de um mundo social mais justo ou brilha serenamente a bondade persuasiva dos iluminados!

Já desde a sua distante época de académico coimbrão, quando respirava a plenos haustos a atmosfera de ilusão e de aventura que entontece a mocidade nas margens do Mondego, os seus dotes excepcionais se haviam vigorosamente denunciado, conquistando prosélitos e admiradores.

Depois, a sua carreira é fulgurante e operosa: deputado às primeiras Constituintes por Guimarães, após a proclamação da República, que ajudara a enraizar na alma popular com a sua palavra tribunicia, de um estilo austero e cortante; presidente da Câmara Municipal e administrador do Concelho; chefe do gabinete do Dr. Manuel Monteiro, de que era amigo dilecto, quando este eminente bracarense sobraçou a pasta da Justiça; presidente, diversas vezes, da Sociedade Martins Sarmento; presidente da Associação Comercial e Industrial; fundador e director de jornais e revistas; juriconsulto, investigador, romancista, conferencista, é todo um desdobrar de aptidões e de cargos, ao longo de algumas décadas, que afirma uma surpreendente maleabilidade e uma rara disposição de servir a grei e a terra.

Com o seu resplandecente espírito, de uma inalterável elegância, mesmo no ardor das suas polémicas ou no combate inflamado pelos seus pontos de vista, o Dr. Eduardo d'Almeida apresenta um complexo de qualidades singulares a que não estamos nada habituados: perseguia as quimeras mais belas e, ao mesmo tempo, sabendo rasgar as névoas matinais que encobriam os horizontes, desvendava lúcidamente os factos e as realidades, como se poderá verificar nos seus estudos históricos e nos seus comentários críticos.

Está diante de nós, apagado, sumido, cambaleante, buscando os cantos para se esconder, pas-

sando discretamente à nossa espalda, os olhos mal fitos nas pessoas, a voz cansada, quase enrouquecida, as mãos trémulas, a fronte inclinada, esse antigo roble vimaranense, que já era uma saudade de si próprio, uma nostalgia do passado; evocamo-lo no Rotary Clube de Braga, precisamente há cinco anos,



Último retrato de Eduardo d'Almeida

(11 de Janeiro de 1957).

a rememorar o seu querido Manuel Monteiro no 1.º aniversário do seu falecimento; na sala do tribunal desta Comarca, por convite da Associação Jurídica de Braga, cativando ainda um auditório especializado com o discorrer da sua exposição facetada de imagens e opulenta de conceitos riosos, em que

sobrepujavam as suas concepções humanas; depois no Rotary Clube de Guimarães, quando da homenagem tão nobremente ali tributada à memória desse outro ilustre advogado que foi o Dr. José Pinto Rodrigues; e em breves encontros da rua, em fugazes trocas de impressões sobre o estado político do mundo, a caminhar para o desfiladeiro, o panorama das coisas nacionais, a incongruência dos mentores modernos, as tradições, as necessidades e os progressos da sua adorada terra...

Ficara reduzido a um contemplativo e nada mais havia em si que não fosse, para além da sua inquebrantável, da sua heróica fidelidade aos compromissos e aos símbolos de outrora, uma reflexão íntima, uma mágoa pouco disfarçada, o aceno de uma despedida triste, na luz crepuscular de uma tarde arrepiada de frio.

Mas as grandes almas são como as mulheres formosas quando envelhecem, ou como as peças maravilhosas de louça oriental quando se partem e desfazem em esquilas: sempre nelas se conhecerá, nos cabelos, na boca, nos dedos ou nos gestos, a antiga beleza, a antiga distinção, a antiga juventude estonteante — e o Dr. Eduardo d'Almeida, no alarme manifesto da sua decrepitude física, continuava a ser, apesar de tudo, tocada apenas ao de leve pelas inclemências da idade, aquela impoluta e doce alma que viera, a palpitar, de um balsâmico jardim de poetas até ao áspero prosaísmo dos nossos dias, trazida numa ressaca tormentosa que não acabou ainda...

O Dr. Eduardo d'Almeida pertenceu ou comungou com uma geração de estetas e idealistas — Manuel de Sousa Pinto, João Barreira, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso, António Augusto Gonçalves, João da Rocha, Joaquim Martins, tantos outros a quem a morte já arrebatou — que aguarda, quase toda imersa na paz do túmulo, o julgamento imparcial da História, cujas perspectivas não podem nem devem ser invertidas ou deformadas.

O seu perfil recorta-se nitidamente no seu tempo e nele marcou bem o seu romantismo de republicano

sem mácula e sem torvos interesses. Humilde, detestando as ostentações e as prebendas, refugiado nos seus silêncios de cogitador, o que foi na vida pública portuguesa proveio apenas do reconhecimento natural dos seus altos méritos e das suas excelsas virtudes de coração e de carácter. Proveio sobretudo da sua coragem de crer e de afirmar e da sua leal devoção, em todas as circunstâncias, aos seus amigos e companheiros de barricada, pois a pureza dos seus sentimentos corria parêlhas com a sua austeridade moral, com a sua rigidez de princípios, como a sua pujante forma literária, de construção vernácula nos lampejos líricos que frequentemente a coloriam e suavizavam, traduzia a sua apurada sensibilidade de artista.

Com a sua forte e espontânea têmpera de jornalista, que lhe dava uma energia vibrante, emocionava e convencia; e com o seu verbo sacudido e altissonante arrastava os auditórios: era um orador de extraordinários recursos, fogo, impetuoso, da estirpe de Emílio Castelar.

Que seria preciso acrescentar mais para enaltecer a individualidade desse magnífico ornamento do foro, honra de uma classe, padrão de uma conduta política, glória legítima de uma cidade, digamos mais: de uma Província, digamos ainda melhor: de uma Pátria?

Um dos últimos românticos da República lhe chamamos acima. Sim. Ainda como um romântico, eternamente absorvido pelos deslumbramentos da sua deusa, ele deixou-se esquecer, amargurado, alheado e desalentado, como uma árvore que se escondesse num cemitério sob o manto da neve, quando o imenso, o único amor de toda a sua vida já lhe não sabia ou podia sorrir, já lhe não sabia ou podia estender piedosamente as mãos...

Nestes cinzentos dias que acabam de passar, uma gentilíssima alma se fechou na terra — ou dela se transferiu para novas paragens, quem o adivinhará? — como uma daquelas sensitivas que se cerram, por timidez, ante os olhares cúpidos...

A morte, que já de manso o rondava, veio de súbito, numa golfada, libertá-lo dos seus padecimen-

tos e das suas tiritantes decepções, frustrada já a sua capacidade de entender um mundo tão diferente do seu — e que também o não entendia a ele, passando de largo com uma simples vénia de polida cortesia . . .

ANÍBAL MENDONÇA